

# DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA: FEMINIZAÇÃO DO MUNDO E O IMPERATIVO MATERNO

Amanda dos Santos Araujo<sup>1</sup>

## Resumo:

No presente trabalho iremos discorrer sobre como a queda da função paterna e o declínio da virilidade pode apresentar consequências na contemporaneidade. Abordaremos o imperativo materno como uma dessas possíveis consequências. Contemporaneamente, uma nova ordem é instaurada, caminhando para o lado feminino das fórmulas de sexuação, onde o gozo feminino ilimitado se faz presente e o discurso do mestre não pode mais controlar. Com isso, é colocada a seguinte questão: como a queda da função paterna pode influenciar na clínica das crianças em relação aos objetos fóbicos? Essa é a questão que tentaremos responder a seguir.

**Palavras chaves:** Função paterna; declínio viril; feminização; fobia; devoradoras.

Se em Freud (1937/1976) lemos, “aspiração à virilidade” (p. 261), contemporaneamente, em Miller (2011) lemos, “aspiração contemporânea à feminilidade” (Ibid., s/p), que vem em oposição ao que foi apresentado por Freud (Ibid.). Para Miller (2011) a queda do falocentrismo tem como consequência principal este fenômeno que caracteriza uma nova ordem simbólica contemporânea, dessa forma, “entre a subjetividade moderna e o sujeito contemporâneo explode a questão feminina” (MILLER, 2010, p. 27).

---

<sup>1</sup> Psicóloga formada pela UEFS, especializanda em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana pela Escola Brasileira de Psicanálise (EBP/BA).

Atualmente o termo feminização tem sido usado com frequência para falar da entrada em massa das mulheres em cargos de poder, atividades laboratoriais, nichos sociais, grupos econômicos etc. (MACHADO, 2017). Essas mudanças sociais opera o declínio do pai como operador hegemônico da subjetividade, tendo feito um deslocamento da socialização, caminhando assim para o lado feminino das fórmulas da sexuação. É o que Miller (2010) aponta como “feminização do mundo” (p.108). Feminização diz respeito ao feminino. Lacan (1972-73/1985) estabeleceu dois modos de gozo que os seres falantes podem se posicionar: do masculino submetido e regido pela lógica fálica, tendo seu gozo limitado e o feminino não todo regido pela lógica fálica, por isso ilimitado.

Com a queda da função paterna e o declínio da virilidade, somos afetados diretamente, já que referências que antes balizavam o mundo, não mais balizam. Hoje notamos que as normas – leis, religiões e tradições – que antes nos norteavam, está em desmoronamento. Melman (2003) enfatiza que nossa cultura sempre foi organizada por grandes textos, cada um deles representando um saber. Outrora, esses textos nos serviram de Outro, ou seja, “lugares organizados pela linguagem, que vinham indicar o que deveria ser nossa conduta, o que deveríamos pensar e de que maneira deveríamos morrer” (Ibid., p. 52). Textos esses que ocuparam um lugar vazio do Outro, contudo, um grande fenômeno contemporâneo é a queda desses textos, havendo um desinvestimento em relação a esses saberes – religiosos, políticos e ideológicos – verticalmente orientados pelo patriarcado.

Para Melman (2003), atualmente estamos no período do diálogo horizontal com os outros, o semelhante, porém, sem dar importância e sem acreditar na relevância das mensagens que poderiam vir do Outro. Ou seja, é como se acontecesse uma forclusão desse Outro, “como se ao mesmo tempo a palavra não tivesse mais outro referente senão a autoridade do locutor” (Ibid., p. 54). Nesse seguimento, para Miller (2010),

[...] depois que Lacan tenha elaborado o mito freudiano até formalizá-lo segundo o modelo linguístico da metáfora não significa que ignorei sua relatividade. Ele até mesmo anunciou o caso em 1938, quando apontou que as formas de neuroses dominantes no final do século XIX pareciam ter evoluído no sentido de Id complexo categorial onde é reconhecida a grande neurose contemporânea, determinada principalmente nessa época pela falta do pai, cuja personalidade está ausente, humilhada, dividida ou artificial (Ibid., 2010, p. 19)

Com isso, a problemática do gozo feminino está presente em todo mundo e o discurso do mestre não tem mais como dominar. Por conseguinte, nos perguntamos, quais poderiam ser as maneiras desse gozo feminino ilimitado comparecer atualmente? Dentre várias maneiras, a seguir, abordaremos como a queda da função paterna influencia na clínica das crianças em relação aos objetos fóbicos.

## **IMPERATIVO MATERNO**

Para falar de objetos fóbicos, primeiramente precisamos falar sobre a fobia para a psicanálise. Freud (1926/2014) ao discorrer sobre a fobia, assinala que ela é uma resposta sintomática da criança frente a angústia de castração ao passar pelo complexo de Édipo. Da mesma maneira, a fobia também se apresenta como função de lidar com a passagem da relação imaginária com a mãe em torno do falo (imagem fálica), ao jogo da castração na relação com o pai. Lacan (1956-57/1995) se refere ao significante fóbico como aquele que supre simbolicamente a carência do pai. Hans faz de sua fobia um apelo ao pai, em outras palavras, ao significante Nome-do-Pai, buscando um ordenador simbólico, e assim, ele elege o cavalo como esse significante fóbico.

A eleição de um objeto fóbico nada mais é que um maneira do sujeito se constituir perante ao campo do desejo, mas também um apelo por um significante que estabeleça um limite frente ao Desejo da mãe. Dessa maneira, Lacan (1968-69/2008) demarca que “a verdadeira função da fobia, que é substituir o objeto da angústia por um significante que causa medo, porque, frente ao enigma da angústia, a relação de perigo assinalada é tranquilizadora (Ibid., p.297).

Abreu (2020) destaca os caprichos das mães contemporâneas que podem fazer de tudo para terem um filho e em outros momentos os educam como prolongamento dos seus corpos, para dessa forma, responderem todos seus imperativos que surgem como uma ferocida-

de materna. “Crianças geradas pelo empuxo à satisfação caprichosa do Desejo Materno que ambiciona depor a lei fálica, impondo a lei de ferro do seu gozo” (Ibid., s/p).

Trobas (2005) demarca que se a angústia de castração não é posta pelo agente paterno que vai transportar a ela uma pacificação simbólica, “é uma figura de Outro, do grande Outro, que vai pôr em jogo, a saber, em primeiro lugar, a mãe, a mãe fálica – Lacan, avançando nisso, leva em conta que o declínio do pai altera seu poder de privar a mãe de sua criança como objeto fálico imaginário” (Ibid., p. 26-27). O resultado disso é que a criança tem uma problemática de identificação ao falo materno que faz impedimento ao recalçamento como tal.

Com isso nos indagamos: de qual forma as crianças responderiam a isso? Abreu (2020) apresenta que aquele que toma a criança como sujeito desejante, seja ou não na clínica, sabe que a criança interpreta o furo do Outro resultante, por essa razão há a pluralidade de sintomas. Nesse ponto a fobia é tomada enquanto sintoma, “e seus objetos, para interrogar se é lícito pensar que há mutações na natureza desses objetos” (Ibid., s/p).

Atualmente os objetos fóbicos têm mais similaridade a cifras de gozo do que a formações do inconsciente, decifráveis por interpretações simbólicas, como anteriormente. Freitas (1999) ao discorrer sobre alguns casos clínicos, pontua que frente a falta de um pai real suficiente, a criança, em uma situação de extrema angustia (a possibilidade de devoração perante a falta de alguém que interfira), desloca sua angústia para os objetos fóbicos, conseguindo dessa forma

operacionalizar “um elemento de mediação metafórica (onde fracassou a função paterna)” (Ibid., p. 279).

Abreu (2020) trabalha a hipótese de que são respostas a estas mães, que se tornaram ainda mais devoradoras, já que são menos mediadas pela função fálica. Dessa forma, para Lacan (1961-62/2003) a fobia entra como um artifício que introduz um significante chave que possibilita o sujeito conservar algo do seu ser e não ficar totalmente exposto ao capricho materno.

Com isso, é levantada a seguinte questão: essa presença materna mais real, repleta de gozo, constituem objetos fóbicos com mais prominência do Real sem lei e rebelde aos semblantes?

constato que não só o imaginário infantil tem estado povoado por monstros e figuras horrendas, tais como a recém aparecida lenda da Momo, ser sobrenatural, “contato macabro do whatsapp”, mas os objetos fóbicos também seguem esta linha. As crianças inventam seus objetos com faces mortíferas, abjetas e próximas de uma decomposição assustadora (ABREU, 2020, s/p).

São caveiras, seres em putrefação, ossos, objetos fóbicos que provocam degradação e que se afasta, das narrativas infantis clássicas, acercando da supremacia das imagens marcadas pelo Real.

Hoje, todos os monstros horrorosos que constituem o arsenal dos videogames são introduzidos nas teorias sexuais infantis: animais pré-históricos, vampiros

carnívoros, entidades sangrentas indescritíveis, evidência de uma avidez corporal que está longe do limite da função fálica. (COTTET, 2017, p. 124)

Isso exemplifica qual é a consequência na clínica com as crianças decorrente da queda do falocentrismo. Vale ressaltar que se existe uma questão anterior ao tratamento possível com as crianças, essa é a sexualidade feminina. “É de mães vorazes e de filhos objetalizados que estou tratando, tendo como produto final desta equação novos objetos fóbicos” (ABREU, 2020, s/p).

Para finalizar, Lacan (1968-69/2008) nos adverte que a fobia não deve ser vista como entidade clínica, e sim como uma “placa giratória” (p. 298). Com frequência ela gira mais para as duas grandes ordens da neurose: a histeria e a neurose obsessiva, podendo também ter uma aproximação com o fetiche, ou seja, fazendo um deslocamento para perversão. Se o sujeito ao fazer uma mudança de posição que ele ocupa em relação ao outro, ele pode se situar como objeto a, e assim será uma perversão, contudo, se nessa mudança ele assumir a condição de sujeito barrado (\$), acarretará em uma estrutura de neurose de transferência, sendo ela uma histeria ou uma neurose obsessiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Contemporaneamente, com a queda da função paterna, como demarca Miller (2010), uma nova ordem simbólica é instaurada: a fe-

minização do mundo. Leis e normas que antes nos balizavam, não balizam mais, dessa forma, entramos em uma era dominada pelo desinvestimento do saber, entrando assim em um período de diálogos horizontais com os semelhantes. Grandes textos que antes ocupavam um lugar vazio do Outro estão em queda. Dessa maneira, a problemática do gozo feminino está estabelecida e o discurso do mestre não tem mais domínio. Freud (1926/2014) ao falar sobre fobia assinala que é uma resposta sintomática frente a angústia de castração, mas a fobia também se apresenta como uma tentativa da criança em lidar com a ferocidade do desejo materno que não foi interditado pelo significante Nome-do-pai. Lacan (1956-57/1995) se refere ao significante fóbico como aquele que supre simbolicamente a carência do pai. A função da fobia é apresentada como substituto de um objeto de angústia, por um significante que cause medo, como é o caso do pequeno Hans, onde o significante fóbico elegido é o cavalo.

Uma das consequências da queda da função paterna é o imperativo materno. Mães contemporâneas que podem fazer de tudo para terem um filho e assim, os educam como prolongamento dos seus corpos. O que pode a criança fazer para barrar essas mães que as tomam como objeto fálico? Nesse ponto a fobia é tomada enquanto sintoma. Frente a falta de um pai real suficiente, a criança em uma situação extremamente angustiante, desloca sua angústia para os objetos fóbicos, para assim conseguir fazer uma mediação onde fracassou a função paterna. Para Abreu (2020) isso nada mais é que uma resposta a estas mães que se tornaram ainda mais devoradoras, já que a função fálica não as media mais. Essa presença materna mais



real repleta de gozo constitui objetos fóbicos com mais prominência do Real sem lei: são seres em putrefação, ossos e objetos fóbicos que se afastam das narrativas infantis clássicas. Lacan (1968-69/2008) ao discorrer sobre placa giratória da fobia, demarca que ela tanto pode girar para as duas grandes ordens da neurose, quanto pode também se deslocar para a perversão. Para finalizar, deixamos em aberto uma questão, se a fobia se desloca para a perversão, ela ainda deve ser vista como uma terceira forma de neurose?

## REFERÊNCIAS

ABREU, T. (2020). A queda do falocentrismo e os objetos fóbicos, hoje. In: XXII - Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – 7 de novembro. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/a-queda-do-falocentrismo-e-os-objetos-fobicos-hoje/>.

Acesso: 23 de jul. 2023

COTTET, S. (2017) Objetos Fóbicos não Identificados. In: Los Miedos de los Niños. Jacques–Alain Miller e outros. Buenos Aires: Instituto Clínico de Buenos Aires, Paidós.

Freitas, E. (1999). Escola Letra Freudiana: mapa do tesouro: Hans e a fobia. Rio de Janeiro: Contra-Capa. n.24, pp. 277-280.

FREUD, S. (1926/2014). “Inibição, sintoma e angústia”. In: Sigmund Freud: obras completas. São Paulo: Companhia das Letras. Vol. XVII

\_\_\_\_\_. (1937/1976) “Análise terminável e interminável”. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII.

LACAN, J. (1956-1957/1995). Seminário 4: A relação de objeto. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (1968-1968/2008). O seminário, livro 16: de um outro ao outro. Rio de Janeiro: Zahar.

\_\_\_\_\_. (1961-1962/2003) O seminário, livro 9: A identificação. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife.

\_\_\_\_\_. (1972-1973/1985). O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Melman, C. (2003). Novas formas clínicas no terceiro milênio. Porto Alegre: CMC.

MILLER, J. (2010) El Otro que no existe y sus comités de ética. Buenos Aires: Paidós, 2010.

\_\_\_\_\_. (2011) O ser e o Um, aula de 9 de fevereiro de 2011, Curso de Orientação Lacaniana III, 13.

TROBAS, G. (2005) Angústia moderna, angústia de sempre. Em Curinga, Belo Horizonte, Escola Brasileira de Psicanálise, seção Minas, n. 21, p. 17-28, jun.